

Farias Brito

Jonathas Serrano: Farias Brito — o homem e a obra, 1939.

Farias Brito é considerado o filósofo brasileiro por excelência. Tendo em conta que o Brasil possui somente três filósofos, dos quais, como diz Sylvio Romero, dois não o são no sentido exato da palavra, uma afirmação dessas pouco ou nada quer dizer quanto ao valor real do filósofo. Acontece, porém, que em Farias Brito encontramos, de fato, um filósofo genuíno e de real importância que merece ser tirado do esquecimento. Nasceu ele em 24 de Julho de 1862 na então província do Ceará como filho de humilde caboclo. Depois da séca terrível de 1877, que reduziu a família à mais completa miséria, mudaram para Fortaleza onde Raimundo conseguiu matrícula no Liceu Cearense. Os pais trabalhavam e o moço estudava e ajudava nas despesas com a remuneração que recebia de aulas de matemática. Em 1881 a família mudou-se para Recife onde o pai Marcolino José de Brito conseguiu o modesto cargo de porteiro do Ginásio Pernambucano; a mãe D. Eugênia dedicou-se a fornecer pensões a estudantes, o irmão trabalhava numa charutaria enquanto Farias Brito lecionava em alguns colégios no Recife, continuando nos seus estudos e concluindo o curso jurídico em 1884. Depois de passados uns anos em cidades do Interior no cargo de promotor, foi nomeado terceiro promotor público de Belém. Em 1909 veio com sua família para Rio de Janeiro onde, depois de muitas contrariedades, chegou a ocupar a cadeira de Lógica do Colégio Pedro II. Faleceu no dia 16 de Janeiro de 1917. Ele mesmo diz da sua vida: “Devo observar que minha vida é extremamente simples. Nada tenho de notável. Sou verdadeiramente o que se pode chamar um homem sem história, porque nunca se passaram comigo coisas extraordinárias. Nunca ocupei posição saliente. Nunca exerci nem pretendi exercer influência ou domínio sobre quem quer que seja. Nunca alcancei em coisa alguma vitórias ruidosas”. Jamais negou a sua origem humilde. Quando já estava no Rio como lente, lá estava com ele, entre outros parentes, a velha mãe — o pai já tinha falecido — essa “alma rude e boa”, com o seu querido cachimbo, ao pescoço, à guisa de colar, um grande terço de contas negras, com a sua fala incorreta de gente de pouca instrução — mas o filósofo não gostava que a incomodassem por êsses hábitos ou que emendassem os erros de pronúncia, receiando de melindrar-lhe a alma. Humilde e bondoso “como se fôra um cristão — diz Jonathas Serrano — ele que não chegou a optar decisivamente entre o budismo e o cristianismo”. E não lhe faltava o sofrimento. Perdeu o primogênito e dois anos depois a esposa, passou por imensas dificuldades econômicas, sofreu injustiças e foi torturado pelo isolamento intelectual em que vivia como filósofo que se preocupava mórmente com problemas metafísicos numa época quando aqui no Brasil o positivismo estava no auge da sua influência. Viu sua situação como filósofo sem ilusão: “Enganei-me, quando imaginei que poderia

exercer qualquer influência sobre a multidão. Esta nem sequer me percebeu e menos ainda me ouviu. Perdi-me no seu seio, confundindo-me com ela; mas sem se destacar em coisa alguma e sob qualquer pretexto, da massa comum. Ou antes atravessei a multidão; mas apenas como uma sombra que ninguém percebe; estive com ela em contato, mas como um estrangeiro que nada consegue transmitir do que sente ou deseja, por falar uma língua que ninguém conhece e que apenas se expõe ao ridículo e ao desprezo” (pg. 273). São palavras que ele escreveu a Jackson de Figueiredo dois anos antes de sua morte.

A obra principal de Farias Brito tem o título: **Finalidade do mundo**, subdividida em quatro partes com os seguintes temas — I. A Filosofia como Atividade Permanente do Espírito Humano; II. A Filosofia Moderna; III. O Mundo como Atividade Intelectual; IV. A Verdade como Regra das Ações; e mais um ensaio intitulado: O Mundo Interior, fora de outras publicações de importância para uma avaliação de sua filosofia. Tinha Farias Brito a intenção de apresentar sua filosofia em um sistema, método convencional dos filósofos dos séculos passados; mas na medida que ele penetrou nos problemas fundamentais deixou de lado a coerência preconcebida levado pela própria dinâmica das idéias. Toda a filosofia de Farias Brito gira em redor de três conceitos: verdade, consciência, Deus; conceitos êsses que se entrelaçam e cada um com seu duplo aspeto: para o mundo e para a transcendência. A finalidade do mundo é o conhecimento que por sua vez tem por objeto a verdade — “aspiração suprema de toda a existência”.

O lado prático da verdade conduz ao problema da moral (A Verdade como Regra das Ações). “Devemos procurar proceder sempre e em todas as coisas de conformidade com as nossas convicções. Mas as convicções variam e estamos sujeitos a todo momento ao erro; como encontrar elementos para convicções verdadeiras? — Na filosofia”. O que o preocupa nesta altura é especialmente a ética social. Merece destaque, dada a época em que foi escrita, a sua crítica às doutrinas de Comte, Spencer e Marx, do capitalismo, da democracia contemporânea, dos “sistemas” enfim que faliram em resolver o problema do destino humano, e especialmente a questão social. Ele julga com palavras severas a “ditadura científica” de Comte: “a anarquia seria cada vez mais profunda se a religião positivista fôsse de natureza a poder influir sobre os destinos da humanidade . . . se se quer uma prova material do absurdo que a caracteriza, basta considerar a influência detestável que chegou a exercer sobre o nosso país, após o estabelecimento da República (131)”. A influência da doutrina de Comte era enorme, dominou todos os setores da vida pública no Brasil. “Em nosso país teve poder para ditar leis ao governo e impor uma fórmula sectária à bandeira da nação” (206). Exigiu um alto grau de coragem alguém atrever-se a opor-lhe resistência. Farias Brito deu prova dessa coragem. Quanto ao socialismo moderno ele nega que este possui com a sua concepção materialista o ele-

mento reconstrutor da sociedade. “Nos termos do materialismo só há um princípio logicamente concebível em condições de poder ser apresentado como critério das ações: é o interesse” (133). Em última análise o socialismo se transforma em sistema organizado de luta pela comida — homo homini lupus. Da democracia êle julga que “também não escapou à bancarrota” (167) — “denuncia-o absolutismo dos capitalistas e banqueiros como sucessor do outro absolutismo tantas vêzes malsinado, o do papa e dos reis”. Mas êle não se limita às críticas. “O meu ponto de vista é: a questão social deve ser resolvida religiosamente, em nome de uma idéia . . . um grande princípio moral” (130). Como filósofo êle acha que naturalmente só na filosofia se encontra a solução desses problemas.

Especial atenção merece a sua crítica à ciência que então ocupou o lugar da filosofia, e até se deu ares de religião. Farias Brito não concordou com o ponto de vista de que à ciência caiba a salvação do homem: “As ciências estudam somente aspectos particulares dos fenômenos, modalidades exteriores da força. Por isto jamais se poderão elevar a uma concepção do todo” (169). “Ciência é o conhecimento organizado reduzido a sistema . . . a regularizar a indústria e organizar o trabalho . . . é o conhecimento especializado. A filosofia é em um sentido pré-científica ou super-científica (totalização da experiência, concepção do todo universal). É neste sentido que a filosofia se chama primeira ou metafísica, é contra esta em particular que se dirigem os golpes mais violentos da ciência” (208). “A filosofia supõe a ciência e deve ter por base a ciência; mas, partindo daí, deve jogar com todos os elementos de prova e com todas as forças do espírito, sem excetuar a imaginação” (211). O problema é intimamente ligado à teoria do conhecimento; Kant é a pedra de toque para todos os modernos neste campo. Farias Brito era conhecedor profundo de Kant. Sabia ler os autores alemães na língua original — caso raro neste país. Sobre sua crítica da estética transcendental e das antinomias diz Jonathas Serrano: “São páginas das mais sérias escritas no Brasil sobre metafísica, ainda que inaceitáveis em vários pontos. Revelam um autêntico pensador, não mero divulgador apressado de alheios trabalhos; e aqui e ali deixam bem ver que o texto alemão de Kant foi lido e confrontado e não apenas conhecido através de traduções” (172). Farias Brito não vê na teoria da relatividade do conhecimento na sua dupla forma, a objetiva de Comte (Positivismo) e a subjetiva de Kant (Criticismo) e na teoria da evolução outra coisa senão a forma moderna do ceticismo e do materialismo respetivamente. Mas para julgar com critério supremo é preciso “imaginar um princípio mais alto — a consciência” (193). Que temos consciência é uma verdade que nem o mais ferrenho ceticismo conseguiu abalar, ficou de pé até hoje através dos séculos e em meio de todas as relatividades e viravoltas do pensamento humano. A consciência com as suas raízes na transcendência é o ponto de partida para qualquer conhecimento verdadeiro: “para filosofar é preciso ler no fundo da consciência”

(211). Julgando o seu tempo de acôrdo com êste “critério supremo” Farias Brito chegou à conclusão que é um mundo em agonia. Já não mais ninguém pode encobrir “a bancarrota da ciência” apresentada como fonte de conhecimento da verdade, a vergonha da “superstição socialista” que reduz o homem ao nível do animal, a banalidade das doutrinas salvadoras que “durante dois séculos encheram a história com o ruído das suas proclamações violentas e com o estrondo das suas ameaças de demolição e desmoronamento da obra tradicional do espírito” (215). Mas Farias Brito é convencido que “o momento do perigo está terminado. Na filosofia tradicional, o que tinha de ser eliminado, já foi eliminado; e agora o que se trata de fazer é a obra de reconstrução” (215). Cabe à filosofia resolver o angustioso problema da existência em dar um sentido ao mundo “opondo por um supremo esforço de ignota energia, ao sentimento da dor irremediável da vida, a fé no ideal que deve ser o término de tôdas as cogitações do espírito” (212).

E Deus? Farias Brito passou numa espécie de alucinação por uma experiência religiosa que depois exprimiu com esta fórmula. Deus é a luz. Impossível é dizer em palavras o que realmente significa esta fórmula simbólica, é de supor, porém, que não tenha o mesmo sentido que encontramos no Evangelho de S. João, dada a concepção mais ou menos panteísta do filósofo. O seu deus não é deus dos cristãos; é o deus dos filósofos (como Spinoza) que às vêzes assume feição pessoal mas, que nas mais das vêzes é idêntico ao universo (teologia naturalista). “É observando a natureza que conhecemos Deus, é na natureza mesma que Deus se revela” (127). E mais adiante: “Deus e problema da alma não são propriamente duas questões distintas, mas apenas duas faces de uma só e mesma questão” (128). “Negar Deus é negar a razão do mundo”.

Não era crente no sentido cristão da palavra; por isso são em vão os esforços de certos círculos em querer fazê-lo cristão “integral”, isto é, católico. Ele rejeitou de certo modo o absolutismo cristão: “Que o cristianismo seja a única religião verdadeira e que tôdas as outras religiões sejam falsas, parece um pouco duro” (221). Ele vê a solução do problema religioso num sincretismo entre o Oriente e o Ocidente, isto é, entre budismo e cristianismo.

Como filósofo tinha idéias realmente avançadas, dada a sua época. Podemos considerá-lo um precursor da filosofia atual como ela se nos afigura na ontologia e no existencialismo, que êle não chegou a conhecer. Sua afinidade com a filosofia atual se nota nos problemas por êle perscrutados, na inquietação moderna, na busca da verdade e na paixão pela existência humana.

O leitor não pode deixar, depois de terminada a leitura dessa bio-bibliografia, de sentir uma profunda gratidão para com o autor, Jonathas Serrano, pela apresentação sóbria e ao mesmo tempo atraente dos fatos e das idéias.

(Nota: Os citados são referentes às páginas da obra de J. Serrano)

P. E. Seiter.